A VIDA, A LUTA E A MORTE DE

CHE GUEVARA

CONTADA EM COMPLETA BIOGRAFIA E 25 POEMAS

EM HOMENAGEM AO 15º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

PABLO NERUDA JÚLIO CORTAZAR EDUARDO GALEANO
DOMPEDRO CASALDÁLIGA MARIO BENEDETTI NICOLÁS
GUILLÉN JUAN GELMAN ANGEL AUGIER VICTOR JARA
CARLOS PUEBLA SÍLVIO RODRÍGUEZ PABLO MILANÉS
HELENA BURQUE MAURICIO VIGIL JUAN GAPRA
ANALDINO RODRIGUES PAULINO (ORGANIZADOR)

OBRAS DO CHE

Esta coleção está sendo editada na forma em que foi concebida pelo Che. As traduções foram feitas das ***Obras–Ernesto Che Guevara 1957-1967*** – Casa de Las Americas.

Volume 1 – ***Revolução Cubana.*** Prefácio de Fidel Castro. Apêndice: Biografia Ilustrada.

Volume 2 – ***Cartas.*** Apêndice: músicas ao Che (Victor Jara, Carlos Puebla, Los Guerrilleros, Silvio Rodríguez, Pablo Milanés, Helena Burque, Mauricio Vigil, Juan Capra).

Volume 3 – ***A Guerra de Guerrilhas.*** Apêndice: poemas ao Che (Pablo Neruda, Mario Benedetti, Nicolás Guillén, Juan Gelman, Dom Pedro Casaldáliga, Ángel Augier e Julio Cortazar).

Volume 4 – ***Sierra Maestra: da Guerrilha ao Poder.*** (Passagens da Guerra Revolucionária), Apêndice: "Uma morte mágica para uma vida mágica" Eduardo Galeano.

Volume 5 – ***Diário da Guerrilha Boliviana.*** Edição integral. Prefácio de Fidel Castro. Apêndices: "Os últimos dias do Comandante Che Guevara" e "De como o Diário chegou às mãos de Fidel" por Antônio Carlos da Graça; "As duas mortes do Che", "Cronologia política da Bolívia" e "Cronologia boliviana do Comandante Che Guevara", por Régis Debray. Lista dos personagens que aparecem no ***Diário***, com suas funções, etc. Lista dos combatentes, suas funções, seus destinos, etc. Documentos da Guerrilha: correspondência enviada e recebida, panfletos redigidos pelo Che, fotografias do Che na Bolívia e cópias fotostáticas (manuscritos) do ***Diário.***

Volume 6 – ***Textos Políticos e Sociais.*** Prólogo: Roberto Guevara.

Volume 7 – ***Textos Revolucionários.*** Prólogo Roberto Guevara. Apêndice: Uma entrevista do Che.

Volume 8 – ***Textos Econômicos para a transformação do Socialismo.*** Prólogo: Roberto Guevara. Apêndice: Debate sobre a Gestão Econômica em Cuba – Ernest Mendel, Marcelo Fernándes Font, Charles Bettelheim e Che.

Volume 9 – ***Por Uma Revolução Internacional.*** Apêndice: Tempos de Che, uma cronologia completa de sua vida, organizada pelo Departamento de Consulta y Referencia de la Biblioteca Nacional José Martí, Havana.

Volume 10 – ***Reflexões Sobre a História Cubana.*** Apêndice: "O Sistema Educacional Cubano" por um grupo de estudantes da PUC–SP.

Leia também

A Guerrilha do Che – **Régis Debray.**

PABLO NERUDA · JÚLIO CORTAZAR · EDUARDO GALEANO · DOMPEDRO CASALDÁLIGA · MARIO BENEDETTI · NICOLÁS GUILLÉN · JUAN GELMAN · ANGEL AUGIER · VICTOR JARA · CARLOS PUEBLA · SÍLVIO RODRÍGUEZ · PABLO MILANÉS · HELENA BURQUE · MAURICIO VIGIL · JUAN CAPRA · ANALDINO RODRIGUES PAULINO (ORGANIZADOR)

A VIDA, A LUTA E A MORTE DE CHE GUEVARA

CONTADA EM COMPLETA BIOGRAFIA E 25 POEMAS EM HOMENAGEM AO 15º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

habitue-se a freqüentar livrarias
edições populares
(ANALDINO RODRIGUES PAULINO NETO)

Editor
Analdino Rodrigues Paulino Neto

Produção Capa e projeto gráfico
Analdino Rodrigues Paulino Neto

Revisão
Marly Arlete de Suza

Composição
Proposta Editorial Ltda.
Rua Harmonia, 660 - Fone: 814-9457

Fotolitos
Binhos Fotolito Ltda.
Rua Espírita, 97 - Fone: 278-7028

Impressão
Dag — D'Agostino Artes Gráficas ltda.
Rua Silvério Gonçalves, 287 — Fone: 266-3219

Direitos Reservados
Edições Populares
(Analdino Rodrigues Paulino Neto)
(05433) Rua Girassol, 713

Abril de 1982 — 2ª edição, 5 mil exemplares

ÍNDICE

Uma morte mágica para uma vida mágica (Eduardo Galeano) 7
Che morreu como queria: lutando (Analdino Rodrigues Paulino) 9
Consternados, furiosos (Mario Benedetti) 21
Che Comandante (Nicolás Guillén) 24
Pensamentos (Juan Gelman) 27
Tristeza na morte de um herói (Pablo Neruda) 36
A "Che" (Júlio Cortázar) 38
Che Guevara (Dom Pedro Casaldáliga) 39
Che Vivo (Angel Augier) 41
Sinais de Che (Mário Benedetti) 46
Em Cuba (Pablo Neruda) 48
Cuba Sim (Juan Gelman) 50
Fidel (Juan Gelman) 51
Camilo Cienfuegos (Juan Gelman) 52
Zamba a Che (Víctor Jara) 53
Até sempre (Carlos Puebla) 54
Não estás morto Comandante (Los Guerrilleros) 55
Fuzil contra fuzil (Sílvio Rodríguez) 56
Se o poeta é você (Pablo Milanés) 57
Canção do guerrilheiro heróico (Helena Burque) 58
Ai, Che caminho (Los Guerrilleros) 59
Já dissemos chega (Maurício Vigil) 60
A Cuba (Víctor Jara) 61
Canção fúnebre para Che Guevara (Juan Capra) 63

"Che Guevara o chama o povo
que ignora que em guarani
quer dizer 'meu' guevara."

(Ezequiel Martínez Estrada)

"Você é o comandante guerrilheiro, aquele que conheceu a Sierra cubana. Você entendeu que Revolução era mais, que era começar de novo. Você renunciou a uma história em linha reta, a viver num presente que deixava para trás um passado presente em outras terras. Você rompeu a história pessoal para viver a história dos povos. Você decidiu voltar ao início porque você viu que o início não tinha acabado. Você é o comandante guerrilheiro.

"A América guarda teu corpo e respira teu hálito. Você estará presente mais do que nunca em cada vida, em cada ação. Você é, a partir de agora, todo o esforço sincero, o sintoma de liberdade verdadeira. A América vive a tua vida a partir de hoje e a cada vez é o nosso compromisso, comandante guerrilheiro"

UMA MORTE MÁGICA PARA UMA VIDA MÁGICA

Eduardo Galeano

A história não necessitou de que passasse o tempo para fazer-se lenda, agora me lembro da força profunda e bela que emanava, sem cessar, de dentro deste homem. Tinha, recordo, um olhar como a alvorada: aquela maneira de olhar dos homens que crêem.

Acreditava sim, na revolução da América Latina, em seu doloroso processo, em seu destino: tinha fé na nova condição humana que o socialismo *deve* engendrar.

Narrando, não se poderia esquecer de que ele havia chegado a Cuba depois de uma peregrinação através da América Latina; que estivera e não como turista, no tor-

velinho da nascente revolução boliviana e na convulsiva agonia da revolução guatemalteca; que havia carregado bananas na América Central, e tirado fotos para ganhar a vida nas praças do México, e que, para jogá-la, se havia lançado na aventura do Granma.

Che não era homem de escritório; era um *criador* de revoluções, isto se lhe notava; não era, a seu pesar, um administrador. Tinha que terminar por explodir aquela tensão de leão enjaulado que se escondia sob sua aparente calma, contida, nas palavras e nos gestos.

Faltava-lhe a serra. Não quero dizer que não servisse para o processo de construção que, na paz, sucede ao triunfo que se conquista com as armas na mão. Muito pelo contrário, *Che* foi, neste sentido, também um revolucionário exemplar, trabalhador incansável em todos os cargos de responsabilidade que lhe coube desempenhar.

CHE MORREU COMO QUERIA: LUTANDO

*Analdino Rodrigues Paulino**

A vida e a luta de Ernesto Guevara de la Serna — El Che —, o mais extraordinário combatente das guerrilhas latino-americanas, nesta edição comemorativa do 15º aniversário da sua morte.

El Che — Ernesto Guevara de la Serna —, filho de Ernesto Guevara Lynch e Célia de la Serna, nasceu em Rosário, Argentina, a 14 de junho de 1928 e foi assassinado no dia 9 de outubro de 1967, no povoado boliviano de Higueras, aos 39 anos de idade.

(*) Analdino Rodrigues Paulino é editor das Edições Populares.

Desde jovem, foi grande leitor. De literatura (Baudelaire, Lorca, Antonio Machado e Pablo Neruda, tendo este último o influenciado muito) à política e filosofia.

Ainda adolescente, Che percorreu de bicicleta todo o Norte e Oeste da Argentina, num total de 4.700 km. Quando já era universitário, viajou por quase toda a América Latina, usando de moto a balsa, ao lado de seu amigo Alberto Granados. Para pagar as despesas de viagem, trabalharam como carregadores, lavadores de prato, marinheiros e médicos, o que já revelava sua coragem, espírito de independência e desprezo pelo perigo. Foi, a partir dessa viagem, que começou a sentir e se expressar como um latino-americano e não apenas como argentino, quando viu o desamparo, a exploração e a miséria como traço característico do nosso continente.

Em 1953, quando concluiu o doutorado em Medicina, rumou para a Venezuela, onde ficara seu amigo Granados, para trabalhar na pesquisa da lepra. Durante a viagem, quando se encontrava na Bolívia, conheceu o advogado argentino Ricardo Rojo (Autor do livro *Meu Amigo Che)*, que estava refugiado naquele país, por sua atividade política antiperonista. Rojo lhe faz um convite decisivo: "Para que queres ir à Venezuela, um país que só serve pra ganhar dólares? Vem comigo à Guatemala, porque ali vai ter lugar uma verdadeira Revolução Social".

Che desembarcou na Guatemala a 24 de dezembro de 1953, acompanhado de Rojo e do Dr. Eduardo Garcia, também exilado argentino. Na Guatemala, o presidente

Jacobo Arbenz Guzmán desenvolvia um governo Revolucionário, do qual Che participou através do Instituto Nacional da Reforma Agrária.* Em 1954, um golpe militar, organizado pelos Estados Unidos e dirigido pelo coronel Castillo Armas, derrubou o governo de Arbenz. Todas as tentativas de resistência fracassaram, inclusive a de Che, que tentou organizar um grupo mas nada conseguiu.

Ernesto Guevara foi, então, para o México onde chegou a 21 de setembro de 1954. Ali conheceu Hilda Gadea Acosta, que se tornou sua companheira e com quem teve uma filha, além de tê-lo influenciado decisivamente em sua formação política. Entretanto, na Guatemala, ele já havia se convencido "da necessidade de lutar com armas nas mãos e passar à ofensiva".

O ENCONTRO COM FIDEL

Nos primeiros tempos do México, Che desempenhou diversos trabalhos, como fotógrafo ambulante nas praças públicas e vendedor de livros da Editora Fundo de Cultura Económico. Através de concurso, passou a trabalhar no maior hospital do país, como médico de doenças alérgicas, chegando a pensar em uma cátedra universitária. Foi nesse hospital que conheceu o paciente Raúl Castro. E em julho ou agosto de 1955, Raúl o leva ao apartamento de Maria Antônia, uma espécie de albergue dos cubanos refugiados, para conhecer

---

(*) Folha de São Paulo. 25/01/80 Vide pág. 12.

Contraponto

Sebastião Nery

O rapaz

1952. Gaia Gomes era diretor artístico da Rádio América de São Paulo, David How trabalhava com ele. Uma tarde, entrou lá um rapaz de cabelos negros, olhos grandes, esbugalhados, bigode ralo e barbicha fina.

Argentino, trazia para Gaia uma carta de apresentação de Alberto Castillo, médico e cantor de tango em Buenos Aires. Não queria emprego. Também era médico, estava precisando de uma passagem para a Guatemala, onde pretendia ajudar o governo revolucionário de Jacobo Arbenz.

Gaia e David fizeram uma "vaquinha" na rádio e compraram a passagem. Nos dias que passou em São Paulo, o rapaz de bigode ralo conheceu o deputado Coutinho (creio que Júlio), paulista de Rio Preto, autor do segundo projeto de reforma agrária apresentado no Congresso (o primeiro foi o de Nestor Duarte).

Com a passagem e o projeto, o rapaz de barbicha fina embarcou para a Guatemala. Lá, acabou trabalhando no Instituto Nacional de Reforma Agrária e aplicando os ideais do deputado Coutinho. Em 1954, um golpe militar, montado nos Estados Unidos e dirigido pelo coronel Castillo Armas, derrubou o governo de Arbenz. O rapaz de cabelos negros fugiu para o México.

Em 1958, ele apareceu em Cuba, na Sierra Maestra, ao lado de Fidel Castro e Camillo Cienfuegos. Derrubado o ditador Batista, o rapaz de olhos grandes, esbugalhados, implantou a reforma agrária em Cuba, baseado no projeto do deputado Coutinho, paulista de Rio Preto.

O rapaz chamava-se Ernesto "Che" Guevara.

Fidel Castro. É o próprio Che quem relata: "Conheci Fidel em uma daquelas frias noites mexicanas e recordo que nossa primeira discussão versou sobre política internacional. Conversamos toda a noite e, ao amanhecer, já era o médico de sua futura expedição".

Às duas horas da madrugada, do dia 25 de novembro de 1956, o iate Granma zarpou do porto mexicano de Tuxpán, com 83 jovens a bordo. "Valia à pena morrer numa praia estrangeira por um ideal puro", decidiu Che.

Para Fidel, Guevara foi uma das figuras mais surpreendentes da façanha cubana, como também seu primeiro e grande cronista. "Um dos mais admirados, dos mais amados e, sem dúvida alguma, o mais extraordinário de nossos companheiros de Revolução". E, ironicamente, Che havia sido declarado inapto para o serviço militar pelo Exército argentino.

Durante a Revolução Cubana, onde os Revolucionários desenvolveram uma das lutas mais dignas que se conhece, Che cuidava dos guerrilheiros feridos e dos soldados inimigos, com a mesma dedicação.

Em plena luta, na Sierra Maestra, criou o jornal *El Cubano Libre,* para transmitir informações da guerrilha e as idéias que a animava.

Quando a Revolução triunfou, Fidel deu a Che cargos de grande responsabilidade, como a Presidência do Banco Nacional, para estabilizar a grave situação das dívidas contraídas pelo ditador Fulgêncio Batista; posteriormente assumiu o

Ministério das Indústrias, onde estabeleceu salários e condições dignas de trabalho, dando também início aos incentivos morais, conseguindo aumentar a produtividade das fábricas e a satisfação dos operários. Mais tarde, recebeu a incumbência de coordenar e incrementar as indústrias recém-nacionalizadas, num quadro absolutamente adverso, quando a pequena nação era fustigada e boicotada pelo imperialismo americano.

Em todas as funções que desempenhou, Che sempre colocou o homem em primeiro plano, tudo era decidido a partir do social. Ele procurava que o conjunto da sociedade agisse sobre cada um de seus membros e que, ao mesmo tempo, o indivíduo contribuísse para o conjunto da consciência social. Sobre a construção da economia cubana, Che manteve importantes debates com grandes economistas, como Bettelheim, Mora e Fernández Font.*

Uma de suas primeiras atitudes, ao assumir sua parcela de poder, foi proibir investigações e perseguições ideológicas. As investigações somente deveriam ser realizadas quando o cidadão manifestasse seu desejo de ingressar no Partido.

Grande escritor, Che Guevara era um repórter do seu tempo; em seus livros, mostra a saga dos guerrilheiros cubanos e discute teorias políticas, econômicas e sociais com a maior objetividade possível, para que pudesse ser entendido por

(*) Veja no volume 8 das Obras Completas do Che: *Textos Econômicos para a transformação do socialismo.*

qualquer de seus companheiros ou trabalhador.

Representando o governo cubano, Che viajou por diversos países do Terceiro Mundo, constatando que os problemas dos subdesenvolvidos eram semelhantes na África, Ásia e América Latina: a espoliação imperialista dos países desenvolvidos, sobretudo dos Estados Unidos. No Brasil, Che esteve em 1961, sendo condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul pelo Presidente Jânio Quadros.

Após a constituição do Governo Revolucionário, o povo cubano achava que Che logo iria deixar a Ilha pra lutar em outros países. Mas a Revolução necessitava de sua contribuição e ele ficou, sendo um exemplo de trabalhador abnegado, herói da reconstrução. Seis anos depois, quando a Revolução já havia passado pelo seu batismo de fogo, quando as fábricas e os campos já produziam regularmente, Che se foi. Escolheu a Bolívia, uma das mais sofridas e espoliadas de nossas pátrias. Embora sendo o segundo homem mais poderoso de Cuba, em 1965, abandonou o poder e a segurança de uma Revolução vitoriosa e partiu para o risco de novas guerrilhas, tendo lutado no Congo Belga de agosto de 1965 a março de 1966, ao lado dos guerrilheiros de Pierre Mulele e Gastón Soumilat, contra os mercenários brancos de Moses Chambe.

Num discurso na ONU, a 11 de dezembro de 1964, Guevara dizia: "Nasci na Argentina, isso não é segredo para ninguém. Sou cubano e sou argentino e, se não se ofenderem as ilustríssimas

senhorias da América Latina, sinto-me tão patriota da América Latina, de qualquer país da América Latina, como o maior deles, e o momento em que for necessário, estarei disposto a entregar a minha vida pela libertação de qualquer um dos países da América Latina, sem pedir nada a ninguém..."

Ao partir para a Bolívia, escreve uma carta de despedida a seus filhos, em que diz:

"Seu pai é um homem que age como pensa e, é claro, foi leal com suas convicções..." Tinha 5 filhos, um do seu primeiro casamento, com Hilda Gadea Acosta e 4 com Aleida March de la Torre, professora e sua companheira na Sierra de Escambray, com quem se casou pela segunda vez.

Aos pais, escreveu: "Muitos me julgarão aventureiro, e o sou; só que de que um tipo diferente, dos que arriscam a pele pra defender suas verdades".

E, para seu companheiro Fidel Castro, escreveu, ao se despedir:

"Se me chegar a hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo e especialmente para ti. Agradeço aquilo que me ensinaste e teu exemplo, ao qual tentarei ser fiel até às últimas conseqüências dos meus atos."

BOLÍVIA: O ÚLTIMO COMBATE

Em novembro de 1966, Che chegou a La Paz, com documentos falsos, com o nome de Adolfo Mena, Enviado Especial da OEA, para realizar um estudo sobre *As Relações*

Econômicas e Sociais Vigentes no Campo Boliviano. A credencial foi fornecida pela Direção Nacional de Informações da Presidência da República. Nessa oportunidade, Che se apresentava bastante calvo e sem barba. Seu roteiro de viagem até La Paz incluiu Praga, Frankfurt, São Paulo e Mato Grosso.

O movimento guerrilheiro da Bolívia recebeu ajuda financeira, entre outros, de Cuba, Sartre e Bertrand Russel, que recolheram dinheiro nos meios intelectuais. Após onze meses de luta e uma série de peripécies, as guerrilhas foram dizimadas pelos "Boinas Verdes Quíchuas", tropa de elite do exército boliviano, treinada pelos Estados Unidos especialmente para esse fim.

Che foi ferido na tarde do dia 8 de outubro de 1967, às 13:30, aproximadamente. Atingido em várias partes do corpo, orientou seus captores na colocação de torniquetes para estancar as hemorragias. Em seguida, foi levado para Higueras, lugarejo a 12 km do estreito canal do Rio Yuro, onde aconteceu sua última batalha. Deixaram-no abandonado, sem nenhuma assistência, numa sala vazia da escola local. Após 24 horas e numerosas consultas chega a ordem: Che Guevara deve morrer.

O capitão Gary Prado Salgado — chefe da companhia de *rangers* do 2º regimento, que o capturou — dispara-lhe nas costas uma rajada de metralhadora, de cima para baixo. O Coronel Andrés Selnich, comandante do 3º Grupo Tático, superior hierárquico do primeiro, dá-lhe o tiro de

misericórdia, com sua pistola de 9 mm. A bala atravessa-lhe o coração e o pulmão.

Está morto o símbolo da guerrilha na América Latina, que se achou mais útil ao seu povo servindo à causa da Revolução Internacional que à da Medicina.

A extinta TV Tupi foi a única emissora de televisão no mundo a filmar o corpo de Che. A equipe da TV estava em Valegrande, em virtude de problemas com o carro que a transportava, a caminho de Camiri, onde haveria o julgamento de Régis Debray, companheiro de Che — hoje Debray é Ministro francês, Assessor para Assuntos Relativos à América Latina — que havia sido preso, quando chegou a notícia da morte de Che. Filmaram a chegada de helicóptero — que trazia o corpo do guerrilheiro amarrado na sua parte exterior — o povo que o esperava e em seguida sua autópsia, realizada num casebre que servia de necrotério ao Hospital Senhor de Malta, em Valegrande. No entanto, num período de dificuldades econômicas da emissora, estas imagens foram apagadas para a gravação de um capítulo da novela Beto Rockfeller. As cenas só não se perderam para sempre porque a UPI havia adquirido uma cópia nos dias dos acontecimentos.

"Um Ernesto Che Guevara magro, de barba rala, olhos muito abertos e um sorriso estranho nos lábios mortos", lia-se no *Jornal da Tarde* de 11 de outubro de 1967.

Logo após mostrarem o corpo aos poucos jornalistas que conseguiram chegar em tempo ao local, arrancaram-lhe o dedo indicador da mão direita — não se

sabe para quê — e incineraram seu corpo, pois temiam uma peregrinação ao seu túlmulo.

Em 1971, Fidel Castro tentou trocá-lo por prisioneiros cubanos, mas a Bolívia se recusou a negociar.

O intelectual e jornalista cubano, Roberto Fernández Retamar, escreveu: "Che é um homem superior, que é nosso orgulho e nossa vergonha, porque nos lembra, a todo instante, o que pode ser um homem e o que somos os homens."

Fidel disse: "De Che nunca se poderá falar no passado."

O carisma de Che é uma realidade em todos os países do mundo, onde seu rosto aparece impresso em bandeiras de protestos, posters, livros, chaveiros, camisetas, numa repercussão jamais alcançada por nenhum líder político em toda a História — na sua morte, não houve poeta ou cantor que não lhe tenha dedicado seus versos ou canção. Foi amado, chorado e cantado em todo o mundo, numa demonstração de carinho só conseguida, talvez, por grandes ídolos da música jovem, em reconhecimento ao grande homem que sempre soube ser ainda que isso não signifique, necessariamente, apoio às suas idéias e à sua forma de luta.

CONSTERNADOS, FURIOSOS

Mário Benedetti

Assim estamos
consternados
furiosos
embora esta morte seja
mais um desses absurdos previsíveis

envergonha olhar
os quadros
as poltronas
os tapetes
tirar uma garrafa da geladeira
batucar as três letras mundiais de teu nome
nesta rígida máquina
que nunca
nunca esteve
com a fita tão pálida

envergonha sentir frio
e chegar-se à lareira como sempre
sentir fome e comer
essa coisa tão simples

ou ligar a vitrola e escutar em silêncio
especialmente se for um quarteto de Mozart
envergonha o conforto
até a asma envergonha
quando você comandante está caindo
metralhado
fabuloso
nítido
você é a nossa consciência arrebentada

dizem que te queimaram
com que fogo
irão queimar as boas
boas novas
a irascível ternura
que trouxeste e levaste
com tua tosse
com tua lama

dizem que incineraram
toda a tua vocação
menos um dedo
basta para apontar-nos o caminho
para acusar o monstro e suas brasas
basta para apertar novamente os gatilhos

assim estamos
consternados
furiosos
claro que com o tempo a grisalha
consternação
irá passando
a fúria ficará
será mais limpa

você está morto
vivo
está caindo
está nuvem
está chuva
está estrela
onde você estiver
e se você estiver
quando você chegar
aproveite afinal
e respire tranqüilo
encha de céus os seus pulmões

onde você estiver
e se você estiver
quando você chegar
vai ser bem triste que não haja Deus

mas haverá outros
é claro que haverá outros
dignos de receber-te
comandante.

CHE COMANDANTE

Nicolás Guillén

Não por teres caído
tua luz é menos alta.
Um cavalo de fogo
sustenta tua escultura guerrilheira
entre o vento e as nuvens da serra.
Não por teres calado tu és silêncio.
E não por que te queimem
ou por que te disfarcem sob a terra
por que te escondam
em cemitérios, selvas, lamaçais,
vão impedir que te encontremos,
che Comandante,
amigo.

Com seus dentes de júbilo
a América do Norte ri. Mas de repente

vira-se no seu leito
de dólares. Congela-se
seu riso numa máscara,
e teu grande corpo de metal
sobe, se multiplica
nas guerrilhas como borrachudos
e teu enorme nome ferido por soldados
ilumina a noite americana
como uma estrela súbita, caída
no meio de uma orgia.
Tu sabias, Guevara,
mas tu não o disseste por modéstia
para não falar de ti próprio,
Che Comandante,
amigo.

Estás em toda parte. No índio
feito de sonho e cobre. E no negro
revolvido em espuma multidão,
e no ser petroleiro e salitreiro,
no terrível desamparo
da banana, e no grande pampa das peles,
e no açúcar e no sal e nos cafezais,
tu, móvel estátua de teu sangue como te
derrubaram,
vivo, como não te queriam,
Che Comandante,
amigo.

Cuba te conhece de cor. Rosto
de barbas que clareiam. E marfim
e azeitona na pele de santo jovem.
Firme a voz que ordena sem mandar,
que manda companheira, ordena amiga,
meiga e dura de chefe camarada.
Te vemos a cada dia ministro,
a cada dia soldado, a cada dia
pessoa chã e difícil

a cada dia.
Puro como um menino
ou como um homem puro,
che Comandante,
amigo.

Passas na tua descorada, rota,
esburacada roupa de
campanha.
O que foi da floresta, como antes
foi da serra. Seminu
o poderoso peito de fuzil e palavra
de ardente vendaval e lenta rosa.
não há descanso.
sálve Guevara!
Ou melhor ainda neste quintal americano.
Espera por nós. Partiremos contigo. Queremos
morrer para viver como morreste
para viver como tu vives,
che Comandante,
amigo.

Juan Gelman

eu sou de um país onde faz pouco tempo
Carlos Molina
uruguaio anarquista e repentista
foi detido
em Bahia Blanca ao sul do sul
defronte ao imenso mar como se diz
foi detido pela polícia
Carlos Molina estava
cantando tecèndo trovas
sobre o oceano enorme as viagens
os monstros do oceano enorme
ou trovas por exemplo
sobre o cavalo que se deita nos pampas
ou sobre o céu digamos que Carlos
Molina cantava como sempre belezas e dores

quando
de repente che começou a viver a morrer em
seu violão
e assim
a polícia o prendeu.

eu sou de um país onde se chora por Che
ou em todo
caso
canta-se por Che e
alguns estão contentes com a sua morte
"vocês viram" eles dizem
"estava errada a coisa
não é assim" dizem
e como caralho vai ser a coisa
eles não dizem ou
preferem recitar velhos versículos ou
indicar apontar aconselhar enquanto
os outros calam
olham para o ar com os olhos perdidos

o comandante Guevara entrou na morte
e por lá deve andar segundo dizem

eu sou de um país onde custou acreditar
que se morria e
muitos
este que vos fala entre outros
consolavam-se assim:
"mas se ele diz não é preciso
brigar até morrer é preciso
brigar até vencer então não está morto"
outros choravam demais como quem
perdeu seu pai e eu acredito
que ele não é nosso pai e
com todo o respeito acredito que
não está bem chorá-lo assim

eu sou de um país onde os inimigos não
puderam depositar um único insulto uma única
sujeira uma única pequena titica
sobre ele e até alguns
lamentaram sua morte não
por bondade ou
humanidade ou piedade
mas porque esses velhos cães
ou mortos com licença sentiram finalmente
um inimigo que
valia a pena
que um raio de perigo
entrava em cena e então
iam poder morrer a sério
pelas mãos ou por balas de verdade "e não
nos braços desta espécie de dissolução
em que nós vamos dissolvendo" como
disse um de ilustre sobrenome

eu sou de um país onde aconteceram ou
acontecem
todas as coisas e ainda a outras
como traições e maldades em excessiva
quantidade
e o povo sofre e está cego e ninguém
o defende e unicamente
Che pôs-se de pé pra isso

porém
agora
o comandante Guevara entrou na morte
e por lá deve andar segundo dizem

eu sou de um país complicadíssimo
latinoeurocosmopoliurbano
criollojudipolacogaleguisitanoira

segundo dizem os textos e os textos que dizem

pois dizem e
como dizem
assim vai ser a história porém eu
lhes asseguro que não é verdade
deste país de fantasia
foi-se Guevara uma manhã e
noutra manhã voltou e sempre
haverá de voltar a este país embora não seja
mais do que
para olhar para nós um pouco um grande
pouquinho e
quem haverá de agüentar?
quem haverá de agüentar o seu olhar?

porém
ainda agora
o comandante Guevara entrou na morte
e por lá deve andar segundo dizem

pergunto eu
quem haverá de agüentar o seu olhar?
vocês múmias do partido comunista
argentino?
vocês o deixaram cair
vocês esquerdistas que sim que não?
vocês o deixaram cair
vocês donos da verdade revelada?
vocês o deixaram cair
vocês que olharam para a china sem
entender que
olhar para a China na realidade
era olhar nosso país?
vocês o deixaram cair
vocês pequenininhos
teóricos do fogo pelo correio partidários
da violência pelo telefone ou
do movimento de massas metafísico?
vocês o deixaram cair
vocês sacerdotes do foquismo e mais nada?

vocês o deixaram cair
vocês membros do clube
de grande bundas sentadas "no real"?
vocês o deixaram cair
vocês que cospem
sobre a vida sem
perceber que na realidade estão
cuspindo contra o grande vento da história?
vocês o deixaram cair
vocês que não acreditam na magia?
vocês o deixaram cair

eu sou de um país onde ao comandante
Guevara
o deixaram cair:
os militares os padres os homeopatas
os leiloeiros públicos
os refugiados espanhóis masoquistas judeus
os patrões e
os operários também por enquanto

"que homem que homenzarrão" porém
disse-me um operário pedro
chamava-se chama-se tem
mulher que não recebe
filhinhos por nascer e o pedro
dizia-me "que homem que homenzarrão
quanto
eu o amo" dizia o pedreiro pensando
na sua mãe uma puta
famosa em toda Córdoba e mãe
de sete filhos que criou com amor
Pedro já com maiúscula
como eu saúdo teu rancor
como te beijo ao pé dos teus fracassos:
"que colhões" disse-me Pedro um dia
falando-me de Che'
de certos apetrechos que fervem

sob a paz conjectural
deste país cosmopolita

O comandante Guevara entrou na morte
e por lá deve andar segundo dizem

eu estou escrevendo isto
porque a casa das Américas de Cuba
instituição muito respeitável
resolveu publicar um número especial
de sua revista dedicado
a testemunhos sobre Che
agora que foi morto
segundo dizem e Roberto
Fernández Retamar íntimo meu
porém mais
pedaço meu que anda por aí
pelo Caribe formidável e
fosforescente e amatório e conspícuo
Roberto como eu disse
achou necessário que eu
escreva alguma coisa sobre isto ou talvez
algum outro
achou que assim devia ser e pediu
artigos poemas etecétera a
colaboradores que
se sentirão mais miseráveis ainda
se isso fosse possível se isso
fosse possível na realidade

eu sou de um país onde eu te levo a sério
Roberto mas
me diz por favor
o que você me pede?
que eu escreva realmente?
dou-te notícias sobre o meu coração e nada mais

Alguém sabe na realidade

quais são as notícias sobre o meu coração?
Alguém acredita ou acreditará que
me neguei a chorar exceto
com a minha mulher ou contigo Roberto agora
que narro estas questões
e sei que a tristeza como um cão
sempre seguiu aos homens chateando-os?

eu sou de um país onde é necessário
não amar mas matar
a melancolia e onde
é preciso não confundir
Che com a tristeza
ou como disse Fierro
hinchazón con gordura

eu sou de um país onde eu mesmo
o deixei cair
e quem vai pagar essa conta
quem

porém
o sério é que em verdade
o comandante Guevara entrou na morte
e por lá deve andar segundo dizem
belo
com pedras sob o braço

eu sou de um país onde agora
Guevara haverá de sofrer outras mortes
cada um resolverá sua morte agora:
aquele que se alegrou já é poeira miserável

aquele que chorou que reflita
aquele que esqueceu que esqueça ou que lembre
e aquele que lembrou só tem o direito de lembrar
o comandante Guevara entrou na morte por sua
conta mas

vocês
o que haverão de fazer com essa morte?
pequenos meus
o quê

(como ninguém se salva
entre parênteses quero
não por noção de idiotices possivelmente a mim
referidas
tampouco por piedade ou
simples precaução
essas carnes podres que não podem
rezar ao meio-dia
quero como repito
repetir uma história que nem todos conhecem e
da qual existem alguns que
desconfiam:
o poeta que escreve seu poema
deixando nele a maravilha da
vida e a morte do comandante Guevara
esse portenho cordobês de olhar fodido
como de deus como de deuses
surpreendidos em meio de seu milagre sua
bota podre pelas selvas do mundo
quero dizer que este poema ou coisa
de que é preciso desconfiar
em que é preciso acreditar
não termina nestas páginas
amável leitor lhe peço
que acompanhe as notícias dos jornais
da sip e da sap — Seção Angústia Perimida
por exemplo ou
São Anjos Possantes
ou .
Sobram Alguns Policiais — peço-lhe grande leitor
que leia atentamente
linhas de sangue que se escrevem cada dia
no Vietnã

e também na Bolívia que merda
e também na Argentina
caro leitor eu lhe peço que leia)

o comandante Guevara entrou na morte
e por lá deve andar segundo dizem

sei poucas coisas sei
que não devo chorar Ernesto
sei
que
de mim você depende agora
te posso sepultar com grandes lágrimas mas
realmente eu não posso

o poeta realmente
abstém-se de chorar abstém-se
de escrever um poema seja
para a Casa das Américas seja
para o que seja o poeta
apenas se chorou realmente
continua olhando o mundo
sabe
algum dia a beleza virá
mas não hoje quando você está ausente
o poeta
apenas sabe estar atento
che
guevara

Agora desejo um grande silêncio
que desça sobre meu coração e o agasalhe
pai Guevara que será dos teus filhos?
por que você foi embora belo
sobre cavalos de cantar?
quem haverá de juntar teus pedaços outra vez?

TRISTEZA NA MORTE DE UM HERÓI

PabloNeruda

Nós que vivemos esta história
esta morte e ressurreição
de nossa esperança enlutada,
os que escolhemos o combate
e vimos crescer as bandeiras
soubemos que os mais calados
foram os nossos únicos heróis
e que depois das vitórias
chegaram os vociferantes
a boca cheia de jactância
e de proezas salivares.

O povo moveu a cabeça:
e voltou o herói ao seu silêncio.

Mas o silêncio se cobriu de luto
até afogar-nos nesse luto
quando morria nas montanhas
o fogo ilustre de Guevara.

o comandante terminou
assassinado num barranco.
Ninguém abriu a boca.
Ninguém chorou nos povoados índios.
Ninguém subiu às torres das igrejas.
Ninguém levantou os fuzis,
e cobraram a recompensa
aqueles a quem veio salvar
o comandante assassinado.

O que houve, medita o pesaroso,
com estes acontecimentos?

E não se diz a verdade
porém se cobre com papel
esta desgraça de metal.
Mal se abrira o roteiro

quando chegou a derrota
como um machado que caiu
na cisterna do silêncio.

Bolívia voltou ao seu rancor,
a seus enferrujados gorilas,
à sua miséria intransigente,
e como bruxos assustados

os sargentos da desonra,
os generaizinhos do crime,
esconderam com eficiência
o cadáver do guerrilheiro.
como se o morto os queimasse.

A selva amarga engoliu
os movimentos, os caminhos,
e onde passaram os pés
da milícia exterminada
hoje os cipós aconselharam
uma voz verde de raízes
e o veado selvagem voltou
à folhagem sem estampidos.

A "CHE"

Júlio Cortázar

Eu tive um irmão.
Não nos vimos nunca
mas não importava.

Eu tive um irmão
que andava na selva
enquanto eu dormia.

O amei ao meu modo,
lhe tomei a voz
livre como a água,
caminhei às vezes
perto da sua sombra.

Não nos vimos nunca
mas não importava,
meu irmão desperto
enquanto eu dormia.

Meu irmão mostrando-me
por detrás da noite
a sua estrela eleita.

CHE GUEVARA

Dom Pedro Casaldáliga

E, por fim, me chamou também tua morte
desde a seca luz de Vallegrande.
Eu, Che, prossigo crendo
na violência do Amor: tu próprio
dizias que "é preciso endurecer-se
sem perder nunca a ternura".

Mas tu me chamaste. Também tu.
(Os temas compartilhados, dolorosos.
Os múltiplos olhares moribundos.
A inerte compaixão exasperante.
As sábias soluções à distância...
américa. Os pobres. Esse Terceiro Mundo,
quando não há mais que um mundo,
de Deus e dos homens!)

Escuto, no transístor, como te canta
a juventude rebelde,
enquanto o Araguáia pulsa a meus pés,
como uma artéria viva,
transito pela lua quase cheia.
Apaga-se toda luz. E é só noite.
Rodeiam-me os amigos distantes vindouros.
("Pelo menos tua ausência é bem real",
geme outra canção... Oh! a Presença
em Quem eu creio, Che,
a Quem eu vivo,
em quem espero apaixonadamente!
... A estas horas tu sabes bastante
de encontros e respostas.)

Descansa em paz. E aguarda, já seguro,
com o peito curado
da asma do cansaço;
limpo de ódio o olhar agonizante;
sem mais armas, amigo,
que a espada despida de tua morte.
(Morrer sempre é vencer
desde que um dia
Alguém morreu por todos, como todos,
matado, como muitos...)

Nem os "bons" — de um lado —,
nem os "maus" — do outro —,
entenderão meu canto.
Dirão que sou apenas um poeta.
Pensarão que a moda me ganhou.
Recordarão que sou um padre "novo".
Nada disso me importa!
Somos amigos
e falo contigo agora
através da morte que nos une;
estendendo-te um ramo de esperança,
todo um bosque florido
de ibero-americanos jacarandás perenes,
querido Che Guevara!

CHE VIVO

Angel Augier

I

Esse golpe na tarde
(Esse domingo que golpeia)
Esse golpe como de alguém
que cai num despenhadeiro
(Esse domingo que cai)
Esse golpe que ressoa no vale
(Esse domingo ressonante)
e o clamor que escala com unhas a cordilheira
(Esse domingo arranhando)
e se espalha no continente
e ao atravessar os mares estremece as ondas
e estremece os povos na terra
(Esse domingo golpeando)

Esse golpe como de montanha que desaba,
como de rio transbordado
que faz entrechocar-se
as pedras com violência,
Esse golpe do domingo que sai do calendário
com sangue que pesa como a montanha
e arrasta como o rio
até fazer entrechocar-se os corações

esse golpe, esse domingo,
esse sangue de outubro
derramado até desenhar
um vermelho mapa inapagável

II

O Guerrilheiro
ferido, cresce, o olhar
direto e longínquo,
acostumado a penetrar na noite,
no perigo, na dor, no futuro,
desafia e acusa. E nunca foi tão limpo.

(O Guerrilheiro, ferido, cresce)

Entre as barbas
poeira, musgo da vegetação, raízes,
a terra e sua secreta força.
A pele,
curtida ao sol, à áspera intempérie,
ao arranhar das pedras e das árvores,
à proximidade da pólvora, distende-se
ensangüentada e firme.

(O Guerrilheiro, ferido, cresce)

a testa
Se alarga luminosa. Os duros
ossos que crepitam no silêncio. O Guerrilheiro
ferido, cresce.

(O que fazer? O terror desmancha o prazer
da aparente vitória.
A microonda militar rompe a atmosfera
com nervosas mensagens
cifradas. A linha telefônica La Paz-
-Washington funciona sem parar.
Pentágono-Casa Branca — State
Departament — Cia entrecruzam
relampejantes informes. Ásperas ordens em
inglês estalam como chicotes. Os militares
bolivianos tremem em meio à sua sinistra
alegria. Novas mensagens em La Paz
gritam as ordens traduzidas que retumbam
em Vallegrande. Os rostos de estanho
tornam-se mais patibulares. As mãos
acostumadas ao crime vacilam,
assustadas).

O Guerrilheiro, ferido, cresce.

III

Matar crianças, assassinar mineiros,
caçar índios, disparar os fuzis
contra aqueles que levantam vozes
e braços em
protesto
talvez fosse fácil, e também semear a morte
a torto e a direito de aviões
como a fome a semeia lá embaixo.

Mas não é fácil atirar no coração
do Guerrilheiro ferido
que se agiganta. É difícil
atirar assim, no largo peito estremecido
como que por marés de multidões clamorosas.
difícil, atirar...
(O braço
que se levantou para isso
já sabe que ficará como um galho seco.

As vozes
que ordenaram o crime
já sabem que emudecerão
em lenta podridão).
e não mata o disparo
o coração. O Guerrilheiro
morto, vive.

IV

Dos andres desce seu sangue em labaredas,
vulcânica lava redentora
que acende os territórios da fome e da injustiça
e corre pelas veias de novos guerrilheiros
com seu ardente apelo que não cessa

(Che, vive)

Em vão os carrascos
seqüestram assustado o corpo morto
do Guerrilheiro vivo, e o sepultam
em matagais ignorados; suas barbas
florescem incansáveis
em muitos rostos jovens. A pele
brota em muitos corpos generosos
que desafiam o sol, o vento,
as montanhas, as balas.
E não haverá rocha que consiga deter
esses ossos, inquietos
enquanto houver uma única injustiça
a combater na terra.

(Che, vive)

Em vão entregariam ao fogo
esse corpo de inextinguível chama: suas cinzas
não ficariam quietas e frias: ardente
substância combatente, gritaria nas armas
das guerrilhas seu canto poderoso,
envolto em fumaça e pólvora.

(Che, vive)

O seu olhar profundo
vela a noite dos povos
e seu fulgor empurra novas auroras. Sua palavra
atravessa vibrante
como uma bandeira despregada
e à sua passagem os braços a saúdam
com os fuzis para o alto
e desenvolvem ao eco os disparos
sua palavra de ordem, seu invencível
"Até a vitória, sempre!"

(Che, vive)

SINAIS DE CHE

Mario Benedetti

Todo campo
é o nosso

por exemplo está este
verde disposto verde
os sulcos e os sulcos
as nuvens com seus gordos
tornozelos de chuva

está também o outro
campo de pronto abismo
recém-nascidos mortos
sem haver-se atrevido
a estrear seus pavores

está o amor de sempre
o coração do tato
a noite da pele
os poros e os poros
e a glória e o beijo

está a labareda
a fogueira da pele
o corpo brasa infame
o homem que não sabe
por que o incendeia o homem

verde disposto verde
campo de pronto abismo
os sulcos e os sulcos
as nuvens com seus gordos
tornozelos de chuva
recém-nascidos mortos
sem haver-se atrevido
a estrear seus pavores
está o amor de sempre
a labarela
o coração do tato
a fogueira da pele
o corpo brasa infame
os poros e os poros
e o homem que não sabe

e a glória e o beijo
por que o incendeia o homem

de algum lugar qualquer
montanha
ou selva
ou porão
há alguém que faz sinais
agitando sua vida

todo campo
é o nosso.

EM CUBA

Pablo Neruda

Correu a luz por estas horas
rumo a nossa terra adormecida
e num relâmpago terrestre
acendeu-se a estrela de Cuba.

Honra, honra àquele punhado
de hirsutos heróis na aurora,
honra a essa primeira luz
do sol latino-americano:
honra e tambor e louvor
aos pássaros da pólvora
e ao perfil dos insurgentes.

Eu vi e cantei os que chegaram
e celebrei os edifícios
que elevou o amor e o combate,
as reses novas que nasceram
e o tumultuoso movimento

que corre cortando e cantando
açúcar do canavial.

Saibam vocês, os de agora,
que conheci o ontem cubano
o anteontem de Havana:
tudo era baralho e Daiquiri,
brancas e negras se vendiam
enquanto subia às varandas
um clamor de bocas amargas
com a seresta da fome:
eu certifico que era assim:
bolo podre, monte de esterco
entardecer prostibular.

Antes que ninguém e que nenhum
eu cantei a cúbita façanha,
declarei a gesta em meu livro,
propaguei a rosa de fogo
e colocou Cuba na janela
minha companheira poesia.
Não pretendi elogios nem honras,
mas o dever do combatente.

Quando tudo estava ganho
associaram-se os escrevinhadores
e acumularam assinantes:
todos eles se encurralaram
atirando contra meu canto cristalino
e meu coração comunista.

Neste século a amargura
ocultou-se antes e depois
de cada esplêndida vitória:
foi como um gato que espreitasse
o vôo mais vertiginoso
e restituísse à gaiola
cada bater de asas moribundo.
Porém, o amanhecer
permaneceu e brilhavam os céus.

CUBA SIM

Juan Gelman

É duro e seco o chão aqui
como regado com derrotas, choros obscuros
cada noite eu te abraço
beijando-te as pálpebras,
não mais que a minha ternura
tenho para te oferecer,
é terno o que nasce é terna Cuba
quer dizer que eu te ofereço
todos os meus nascimentos,
o que você me dá,
o que aprendi de mim te amando
a sede que você dá, exatamente.

FIDEL

Juan Gelman

dirão exatamente de fidel
grande líder ele incendiou a história etcétera
mas o povo o chama de cavalo e é verdade
fidel montou sobre fidel um dia
lançou-se altivamente contra a dor contra a morte
mas muito mais ainda contra a poeira d'alma
a História parlará de seus feitos gloriosos
prefiro lembrar dele no recanto de dia
em que olhou para a terra e disse eu sou a terra
em que olhou para o povo e disse eu sou o povo
e aboliu suas dores sombras esquecimentos
sozinho contra o mundo levantou num espeto
seu próprio coração o único que tinha
o desdobrou no ar como um grande estandarte
como que um fogo aceso contra a noite obscura
como um tapa de amor bem no rosto do medo
como um homem que entra tremendo no amor
ergueu seu coração o agitava nos ares
o dava de comer de beber de acender
fidel é um país
eu o vi com marés de rostos contra o seu rosto
a História acertará as suas contas
isso é problema dela
Mas eu vi Fidel quando subiam pessoas
por seus "tivéssemos"
boa noite História alarga teus portões
entramos com fidel com o cavalo

CAMILO CIENFUEGOS

Juan Gelman

desperto vivo entre a brisa do mar anda camilo
entre madrepérolas e monstros com sua barba
e assembléias de estranhas criaturas
fala de Cuba o comandante
sua voz acende fogos lá no fundo do mar
convoca os afogados coitadinhos
castigados perdidos no meio do naufrágio
assalta os quartéis
do rei do mar camilo não termina
eu o vi junto ao mercado
dos Quatro Caminhos por exemplo
e na boca do povo saindo de um violão
camilo foi ao mar
o alfaiate o cara de pombo
foi embora sem dizer-me nada
no cais de Havana o vimos uma noite
em que subiam do mar luzes como disparos
O alfaiate doce costura os retalhos
da dor e do amor
sua tarefa está longe
um dia voltará
as pessoas se beijarão de repente
contra a solidão dos meus ossos

ZAMBA A CHE*

Víctor Jara

Venho cantando esta zamba
com um rufo libertário
mataram o guerrilheiro
Che Comandante Guevara.

Selvas, pampas e montanhas,
Pátria ou Morte é seu destino.

Pois os direitos humanos
em todo lugar são violados
e na América Latina,
domingos, segundas, terças.

Eles impõem militares
para subjugar os povos,
ditadores assassinos,
gorilas e generais.

Exploram o camponês,
o mineiro, o operário.
Quanta dor o seu destino,
fome, miséria e mais dor.

Bolívar mostrou o caminho
e Guevara continuou:
libertar o nosso povo
do domínio explorador.

A Cuba ele deu a glória
de ser nação libertada
Bolívia também pranteia
sua vida sacrificada.

São Ernesto da Figueira
dizem dele os camponeses.
Selvas, pátrias e montanhas,
Pátria ou Morte é o seu destino.

(*) Os poemas que se seguem foram compostos inicialmente como letras de músicas.

ATÉ SEMPRE

Carlos Puebla

Aprendemos a te amar
naquela histórica altura
em que o sol da tua bravura
levantou seu cerco à morte.

(Por aqui ficou a clara,
a entranhável transparência
de tua querida presença,
Comandante Che Guevara).

A tua mão gloriosa e forte
sobre a História dispara,
quando toda Santa Clara
acorda para te olhar.

(Por aqui ficou a clara,
a entranhável transparência,
de tua querida presença,
Comandante Che Guevara).

Chegas, a queimar a brisa,
com sons de primavera
para fincar a bandeira
com a luz do teu sorriso.

Teu amor revolucionário
Te conduz a nova empresa,
onde é esperada a firmeza
de teu braço libertário.

Seguiremos sempre em frente
como contigo seguimos
e com Fidel repetimos
até sempre, Comandante.

(Por aqui ficou a clara,
a entranhável transparência,
de tua querida presença,
Comandante Che Guevara).

NÃO ESTÁS MORTO, COMANDANTE

Los Guerrilleiros

Sempre à frente, Comandante,
mostrando o peito às balas.
Pátria ou Morte e sempre em frente
seja por bem ou por mal.

E a glória, Comandante,
e a fama desprezada.
Teu nome é um estandarte,
Comandante Che Guevara.

Você vai e voltará
de pé, na frente, presente você estará,
quando na América Latina inteira
teu nome seja a bandeira.

Não vá embora, Comandante.
A traição está esperando
para regar com teu sangue
a terra que amaste tanto.

E se morreres, Comandante,
à frente da guerrilha,
é melhor morrer na frente
do que viver de joelhos.

Você vai e voltará
de pé, na frente, presente você estará,
quando na América inteira
teu nome seja a bandeira.

FUZIL CONTRA FUZIL

Sílvio Rodríguez

O silêncio do monte vai
preparando um adeus,
a palavra a ser dita
in memoriam será.

A explosão. Se perdeu
o homem deste século ali
seu nome e sobrenome são
fuzil contra fuzil.

Quebrou-se
a casca do vento ao sul
e sobre a primeira crúz
desperta a verdade.

Todo o terceiro mundo vai
enterrar a sua dor
com limalha de chumbo há de fazer
seu buraco de honra.
Sua canção deixará
lembranças da vida e
seu nome e sobrenome são
fuzil contra fuzil.

Cantarão
seu luto de homem e animal
e em vez de lágrimas derramar
com chumbo chorarão.

Levantarão
o homem do túmulo ao sol
e o nome compartilharão
fuzil contra fuzil.

SE O POETA É VOCÊ

Pablo Milanés

Se o poeta é você,
como disse o poeta,
se que tombou estrelas em mil noites
de chuvas coloridas
é você
que poderia eu falar
meu Comandante.

Se quem assomou ao futuro seu perfil
e o estreou com gozos de fuzil
foi você
guerreiro para sempre
tempo eterno
que poderia eu cantar
meu Comandante.

Em vão procura meu violão a tua dor.
Todo o jardim já é belo,
não há temor
que poderia eu deixar
meu Comandante
a não ser trocar o meu violão pela tua morte
ou legar uma canção ao sol
ou morrer sem amor.

Que teria eu a falar
meu Comandante
se o poeta é você
como disse o poeta
se quem tombou estrelas em mil noites
de chuvas coloridas é você
que tenho eu a falar
meu Comandante.

CANÇÃO DO GUERRILHEIRO HERÓICO

Helena Burque

Meu Comandante Guevara
não há em tua morte uma flor
mas estão as metralhetas,
talos de sangue e de dor.

Ouçam bem os assassinos:
não mataram mais um homem;
mataram os que duvidam
que já é hora de lutar.

Ouçam bem os generais
há uma bala de sol
para a obscura mentira
que eles têm no coração.

No altar dos grandes rios
pelo dialeto aimará
nos planaltos e nas selvas
o guerrilheiro falará.

E dirá as cem razões
de vencer ou de morrer
e cada nova guerrilha
de novo o fará viver

AI, CHE CAMINHO

Los Guerrilleros

Aí, Che caminho
pátria ou morte é meu destino.

Eu nasci
lá nos pampas longíqüos
mas meu sonho querido
é a pátria americana.

Não tenho terra nem casa,
não tenho nome nem idade.
Sou como o vento que passa:
um vento de liberdade.

Aí, Che caminho
pátria ou morte é meu destino.

Amanhã quando eu morrer,
ouçam queridos irmãos,
quero uma América inteira
com o fuzil na mão.

Não quero estátuas nem honras,
não quero versos nem prantos,
lancem ao vento as flores
e pátria ou morte, meu canto.

Aí, Che caminho,
pátria ou morte é meu destino.

JÁ DISSEMOS CHEGA

Maurício Vigil

É gente demais que está passando mal,
nós dissemos chega e começamos a andar,
nem os próprios ianques podem nos parar
ou então na selva venham nos buscar
e uma bela surra irão receber.

Nós dissemos chega e começamos a andar.

Ernesto Guevara soube me ensinar
qual é o caminho que devo seguir
fazendo na América muitos Vietnãs
pois dessa maneira não vão escapar
e eles sozinhos irão se enterrar.

Nós dissemos chega e começamos a andar.

Se alguém não gostar do que eu canto aqui
aos americanos vamos ensinar
com as nossas mãos toda a verdade
que junto dos ricos tenham lugar
que junto dos pobres venham brigar.

Nós dissemos chega e começamos a andar.

A CUBA

Víctor Jara

Se para Cuba eu cantasse
se cantasse uma canção
teria que ser um *son*
um *son* revolucionário.

Pé com pé e mão com mão
coração a coração
coração a coração
pé com pé e mão com mão,
como se fala a um irmão
se me queres aqui estou
que mais posso oferecer-te
a não ser continuar teu exemplo
comandante, companheiro,
viva a tua revolução.

Se queres conhecer Martí e Fidel
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Se queres conhecer os caminhos de Che
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Se queres beber rum mas sem Coca-Cola
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Se queres trabalhar na cana-de-açúcar
a Cuba, a Cuba, a Cuba irei.
Num pequeno barco vai o vaivém.
a Cuba, a Cuba, a Cuba, irei.
Se queres conhecer Martí e Fidel
a Cubam a Cuba, a Cuba irei.

Se para Cuba eu cantasse
se eu cantasse uma canção
teria que ser um *son*
um *son* revolucionário.

Pé com pé e mão com mão
coração e coração.

Como eu não toco o *son*
mas toco meu violão
que está mesmo na batalha
de nossa revolução
será como aquele *son*
que fez os gringos dançarem
mas nós não somos guajiros
nossa serra é a eleição.

CANÇÃO FÚNEBRE PARA CHE GUEVARA

Juan Capra

Já atiram nele a tempestade
a terra firme e a escuridão.

Quatro guerrilheiros descem para o sul
outros vinte ficam, para o norte vão.

Festa de abutres, a tempestade
massacra a carne a liberdade.

Quatro guerrilheiros descem para o sul,
outros vinte ficam, para o norte vão.

Fala a tremer o bravo militar,
espanta os abutres o amanhecer.

Quatro guerrilheiros descem para o sul,
outros vinte ficam, para o norte vão.

Ai, meu companheiro, me deixe chorar
pois o estão matando por tua liberdade.

Quatro guerrilheiros descem para o sul,
outros vinte ficam, para o norte vão.

Já estão atirando no seu coração,
sangue que brota à luz do sol.

LEIA TAMBÉM

A Guerrilha do Che — Régis Debray.
Diário do Exílio — León Trótski, 1º Vol. das Obras Completas
Conseqüências Sociais do Avanço Tecnológico — Karl Marx
Contribuição Para Uma História da América Latina — Karl Marx e Friedrich Engels.
Guerrilhas e Guerrilheiros no Drama da América Latina — João Batista Berardo — Menção Honrosa do Prêmio Casa de las Américas.

No Prelo
Revolução Russa, 1905 — León Trótski, 2º Vol. das Obras Completas.
Reforma Social ou Revolução — Rosa Luxemburgo, 1º Vol. das Obras Completas

Nas melhores livrarias
ou pelo reembolso postal
05433 — Rua Girassol, 713
São Paulo — Capital

A VIDA, A LUTA E A MORTE DE CHE GUEVARA

CONTADA EM COMPLETA BIOGRAFIA E 25 POEMAS EM HOMENAGEM AO 15º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

PABLO NERUDA · JULIO CORTAZAR · EDUARDO GALEANO · DOM PEDRO CASALDÁLIGA · MARIO BENEDETTI · NICOLÁS GUILLÉN · JUAN GELMAN · ANGEL RUGIER · VICTOR JARA · CARLOS PUEBLA · SÍLVIO RODRÍGUEZ · PABLO MILANÉS · HELENA BURQUE · MAURICIO VIGIL · JUAN CAPRA · ANALDINO RODRIGUES PAULINO (ORGANIZADOR)

O carisma de Che é uma realidade em todos os países do mundo, onde seu rosto aparece impresso em bandeiras de protestos, posters, livros, chaveiros, camisetas, numa repercussão jamais alcançada por nenhum líder político em toda a História — na sua morte, não houve poeta ou cantor que não lhe tenha dedicado seus versos ou canção. Foi amado, chorado e cantado em todo o mundo, numa demonstração de carinho só conseguida, talvez, por grandes ídolos da música jovem, em reconhecimento ao grande homem que sempre soube ser ainda que isso não signifique, necessariamente, apoio às suas idéias e à sua forma de luta.

Analdino Rodrigues Paulino